

Domingo de Ramos

A Quaresma conclui-se na Quinta-feira Santa pela manhã. À noite começamos o Tríduo Pascal. Segundo a narrativa de Etéria em seu “Itinerarium”, em Jerusalém, onde melhor que em qualquer lugar podia-se seguir o desenvolvimento histórico dos eventos da Páscoa do Senhor, no século IV, encontra-se aí desenvolvida uma rica liturgia.

Seguindo o exemplo de Jerusalém, a liturgia ocidental, para fazer reviver as indicações dos evangelistas, ampliou-se numa série de celebrações, que foi chamada de “Semana Santa”. Porém, a liturgia não ficou imune de ser entendida como drama representável, perdendo, assim, o seu relevante caráter sacramental e mistérico. Na Idade Média, a Semana Santa foi chamada de “semana dolorosa”, por causa do acento ao aspecto do sofrimento de Cristo e à compaixão emotiva. Em prejuízo do aspecto de vitória que o Senhor trouxe com a sua morte.

Por volta do ano 400, reconstruiu-se, do modo mais precioso possível, a entrada de Jesus em Jerusalém como abertura dos ritos da grande semana. A peregrina Etéria, em seu “Itinerarium”, fornece uma minuciosa descrição dessa reconstrução.

A Semana Santa se inicia com o Domingo de Ramos e da Paixão. São dois aspectos da liturgia antiga hoje unidos ao abrirmos essa época de celebrações que nos conduzem à Páscoa. Ramos de tradição oriental e Paixão de tradição do ocidente encontram-se hoje, chamando-nos a um aprofundamento de viver a nossa fé contemplando o mistério da paixão e morte do Senhor. No Brasil, temos também a Coleta da Solidariedade, ato concreto da Campanha da Fraternidade: os frutos dos sacrifícios e penitências quaresmais serão partilhados com os mais necessitados.

Um aspecto do início da Semana Santa, e que é muito notado, é justamente a celebração de Ramos. Ela marca a entrada de Jesus em Jerusalém. Essa teve sua etapa inicial depois que Jesus partiu cedo de Betânia. Desde a tarde anterior, tinham-se congregado nessa aldeia muitos dos seus discípulos; uns eram seus conterrâneos da Galiléia, chegados em peregrinação para celebrar a Páscoa; outros eram habitantes de Jerusalém, convencidos pelo recente milagre da ressurreição de Lázaro. Acompanhado por essa numerosa comitiva e por outros que se foram juntando pelo caminho, Jesus toma uma vez mais a velha estrada de Jericó a Jerusalém, em direção ao monte das Oliveiras.

As circunstâncias eram propícias para uma grande recepção, pois era costume que as pessoas saíssem ao encontro dos grupos de peregrinos mais importantes para fazê-los entrar na cidade entre cantos e manifestações de

alegria. O Senhor não manifesta nenhuma oposição aos preparativos dessa entrada jubilosa. Ele mesmo escolhe a cavalgadura: um simples jumento que manda trazer de Betfagé, aldeia muito próxima de Jerusalém. Na Palestina, o jumento tinha sido a cavalgadura de personagens notáveis já desde o tempo de Balaão.

O cortejo organizou-se rapidamente. Alguns cobriram com os seus mantos a garupa do animal e ajudaram Jesus a montar; outros, pondo-se à frente, estendiam as suas vestes no chão para que o jumentinho as pisasse como se fossem um tapete; e muitos outros corriam pelo caminho à medida que o cortejo avançava, espalhando galhos verdes ao longo do trajeto e agitando ramos de oliveira e de palma arrancados das árvores das cercanias. E quando se aproximava da cidade, já na descida do monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos, tomada de alegria, começou a louvar a Deus em altas vozes por todas as maravilhas que tinha visto. E diziam: Bendito o rei que vem em nome do senhor! Paz no céu e glória nas alturas!

Jesus faz a sua entrada em Jerusalém como Messias, montado num burrinho, segundo fora profetizado muitos séculos antes. E os cânticos do povo eram claramente messiânicos. Essas pessoas simples conheciam bem essas profecias e manifestavam-se cheias de júbilo. Jesus aceita a homenagem, e quando os fariseus, que também conheciam as profecias, tentaram sufocar aquelas manifestações de fé e alegria, o Senhor disse-lhes: digo-vos que, se estes se calarem clamarão as pedras.

Quando o Senhor entrou na Cidade Santa, os meninos hebreus profetizaram a ressurreição de Cristo ao proclamarem com ramos de palmas: Hosana nas alturas! Nós sabemos agora que aquela entrada triunfal foi bastante efêmera para muitos. Os ramos verdes murcharam rapidamente. O Hosana entusiástico transformou-se, cinco dias mais tarde, num grito furioso: crucifica-o! Para podermos entender um pouco do que se passou, talvez tenhamos que consultar o nosso coração.

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém pede-nos coerência e perseverança, aprofundamento na nossa fidelidade, para que os nossos propósitos não sejam luz que brilha momentaneamente e logo se apaga. Muito dentro do nosso coração há profundos contrastes: somos capazes do melhor e do pior. Se queremos ter em nós a vida divina, triunfar com Cristo, temos que ser constantes e utilizar da penitência para nos afastar daquilo que nos impede de acompanhar o Senhor até a Cruz.

Na nossa procissão de ramos, dentro da qual comemoramos também a Jornada Diocesana da Juventude, devemos lembrar o diagnóstico sombrio que o Documento de Aparecida traça da realidade de nosso continente: “As agudas diferenças entre ricos e pobres nos convidam a trabalhar com maior

empenho para ser discípulos que sabem partilhar a mesa da vida, mesa de todos os filhos e filhas do Pai, mesa aberta, inclusiva, na qual não falte ninguém. Por isso, reafirmamos nossa opção preferencial e evangélica pelos pobres. A fidelidade a Jesus exige de nós combater os males que causam dano ou destroem a vida, como o aborto, as guerras, o sequestro, a violência armada, o terrorismo, a exploração sexual e o narcotráfico. Convidamos todos os dirigentes de nossas nações a defender a verdade e a velar pelo inviolável e sagrado direito à vida e à dignidade da pessoa humana, da concepção até a morte natural. Em coerência com o projeto do Pai criador, convocamos todas as forças vivas da sociedade para cuidar da nossa casa comum, a Terra, ameaçada de destruição. Queremos favorecer um desenvolvimento humano e sustentável, baseado na justa distribuição das riquezas e na comunhão dos bens entre todos os povos”. (Doc. Ap., Mensagem final, p. 271)

Portanto, a liturgia do Domingo de Ramos põe na boca dos cristãos este cântico: levantai, portas, os vossos frontões; levantai-vos, portas antigas, para que entre o Rei da glória! (Antífona da distribuição dos ramos). Quem permanece na cidadela do seu egoísmo não descerá ao campo de batalha. Mas, se levantar as portas da fortaleza e permitir que entre o Rei da paz, sairá com Ele a combater contra essa miséria que embaça os olhos e insensibiliza a consciência.

Celebremos o Domingo de Ramos, da Paixão, da Jornada Diocesana da Juventude e da Coleta da Solidariedade e, cantando nossa profissão de fé, vivamos intensamente a Semana Santa deste ano.

Orani João Cardeal Tempesta, O. Cist.

Arcebispo Metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ